

A QUESTÃO SOCIAL

Dentro de toda a problemática de que enferma a vida nacional, permanece a Questão Social com todas as suas vertentes centradas na dignidade do homem, que nunca pode ser posta em causa, seja qual for o ordenamento social, económico e político.

Nos escritos de Frederico Ozanam diz-se que, “para a solução do problema social é preciso, sobretudo, contar com o cristianismo, que sempre combateu, com verdade e justiça, os erros socialistas e as paixões egoístas; só o cristianismo será capaz de realizar o ideal da fraternidade, sem imolar a liberdade; só ele poderá designar o caminho da felicidade terrena, sem arrancar ao homem este dom sagrado de renúncia, o mais seguro remédio para as suas dores e desalentos”.

O dever de conseguir a justiça para todos significa que a reivindicação económica mais urgente é a dos pobres e o compromisso mais importante em relação a eles é que se tornem capazes de ser participantes activos na vida social.

A regra elementar da justiça é traduzida vulgarmente pela expressão “justo é o que é devido a cada um, o que é o seu direito”. O tema da Justiça, nas suas variadas vertentes, tem sido uma preocupação generalizada.

A condenação instintiva de tudo o que aparece como injusto, constitui hoje o essencial de um sentimento abrangente com manifestações bem evidentes. A Justiça e o modo como vem sendo aplicada, entrou em descrédito na voz do povo.

Segundo a figura que a representa tem a espada como símbolo de poder, os olhos vendados para julgar sem distinguir pessoas e uma balança significando o equilíbrio que devem ter as decisões, no sentido da equidade na sua administração.

A liberdade, a justiça e a paz só podem ser alcançadas na medida em que se reconheçam direitos iguais e inalienáveis a todos os membros da família humana.

Há aspectos da participação social, vista como preocupação económica, que reclama nesta altura a nossa atenção, nomeadamente, o direito ao trabalho como um dos problemas mais prementes da actualidade, que é a praga do desemprego em contínua progressão acelerada, com os naturais reflexos nas famílias.

Acresce ainda a gritante e desesperada situação dos idosos com as suas míseras pensões, actualmente congeladas, e a solidão a que milhares deles se encontram votados. Urge, portanto, eliminar as situações de injustiça em que se encontram tantas pessoas, com a consequente degradação social a que ficam sujeitas, originando crescentes bolsas de miséria e de fome.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem, todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm igual protecção da Lei.

Ora isto não parece ser o que, diariamente, constatamos. Um Compêndio de Direito diz que “Justiça é aquela virtude que dá a cada um o que é seu ou que respeita os direitos alheios, dando a cada um o que lhe pertence”.


Perante a situação que presenciamos à nossa volta e que, por vezes, se tenta camuflar quando tantas famílias vivem na miséria, torna-se um escândalo intolerável qualquer esbanjamento público ou privado, qualquer gesto de ostentação material que possa ferir a sensibilidade dos que se encontram privados do mínimo necessário para a sua subsistência.

A exigência evangélica da Justiça e fraternidade é a referência obrigatória para o cristão no seu compromisso social em defesa dos direitos humanos. É inquestionável que vivemos numa sociedade injusta e supremamente egoísta, na qual é nossa obrigação denunciar as injustiças como porta-vozes dos mais pobres, dos apelidados de “sem voz”, todos aqueles que não possuem os meios para defenderem os seus direitos, que lhes estão conferidos através dos mais variados tratados, Declarações Universais e Constituições Nacionais que são, praticamente, “letra morta” quando o seu fim era serem letra viva, nas relações sociais.

A Doutrina Social da Igreja dos nossos tempos revela, como objectivo essencial, a Justiça, essa Justiça que será fundamento da Caridade que a irá transcender.

“Toda a Doutrina Social da Igreja tem como luz a Verdade, por objectivo a Justiça, por primeira força o Amor”. (Mater et Magister)

“A Justiça – dizia Frederico Ozanam – pressupõe grande dose de Caridade. É preciso amar muito os homens para poder respeitar os seus direitos, que limitam a nossa própria liberdade”.

Justiça não é só Lei, é também vida, actuação, ordem, igualdade no direito, luta contra o mal. 

A URGÊNCIA DE EVANGELIZAR NO MUNDO GLOBALIZADO

A tarefa missionária da Igreja «não perdeu a sua urgência» no mundo globalizado: foi quanto realçou o Papa na mensagem para o próximo Dia missionário mundial, que se celebrará no domingo 23 de Outubro.

«Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21)

Por ocasião do Jubileu do Ano 2000, o Venerável João Paulo II, no início de um novo milénio da era cristã, afirmou com força a necessidade de renovar o empenho de levar a todos o anúncio do Evangelho «com o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora» (Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 58). É o serviço mais precioso que a Igreja pode prestar à humanidade e a cada pessoa que está em busca das razões profundas para viver em plenitude a própria existência. Por isso, o mesmo convite ressoa todos os anos na celebração do Dia Missionário Mundial. Com efeito, o anúncio incessante do Evangelho vivifica também a Igreja, o seu fervor, o seu espírito apostólico, renova os seus métodos pastorais a fim de que sejam cada vez mais apropriados às novas situações – inclusive as que exigem uma nova evangelização – e animados pelo impulso missionário: «A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade cristãs, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É



dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal» (João Paulo II, Enc. *Redemptoris missio*, 2).

Ide e anunciai

Este objectivo reaviva-se continuamente através da celebração da liturgia, em especial da Eucaristia, que se conclui sempre evocando o mandato de Jesus ressuscitado aos Apóstolos: «Ide ...» (Mt 28, 19) A liturgia é sempre uma chamada «do mundo» e um novo início «no mundo» para testemunhar o que se experimentou: o poder salvífico da Palavra de Deus, o poder salvífico do Mistério pascal de Cristo. Todos aqueles que encontraram o Senhor ressuscitado sentiram a necessidade de O anunciar aos outros, como fizeram os dois discípulos de Emaús. Eles, depois de terem reconhecido o Senhor ao partir o pão, «partiram imediatamente, voltaram para Jerusalém e encontraram reunidos os onze» e contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho (Lc 24, 33-35). O Papa João Paulo II exortava a estarmos «vigilantes e prontos para reconhecer o Seu rosto e correr a levar aos nossos irmãos o grande anúncio: “Vimos o Senhor”!» (Carta ap. *Novo millenio ineunte*, 59).

A todos

Todos os povos são destinatários do anúncio do Evangelho. A Igreja «por sua natureza é missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo» (Conc. Ecum. Vat. II,

Decr. *Ad gentes*, 2). Esta é «a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar» (Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 14). Consequentemente, nunca pode fechar-se em si mesma. Enraíza-se em determinados lugares para ir além. A sua acção, em adesão à palavra de Cristo e sob a influência da Sua graça e caridade, faz-se plena e actualmente presente a todos os homens e a todos os povos para os conduzir rumo à fé em Cristo (cf. *Ad gentes*, 5).

Esta tarefa não perdeu a sua urgência. Aliás, «a missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, ainda está bem longe do seu pleno cumprimento... uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão ainda está no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço» (João Paulo II, Enc. *Redemptoris missio*, I). Não podemos permanecer tranquilos com o pensamento de que, depois de dois mil anos, ainda existam povos que não conhecem Cristo e ainda não ouviram a sua Mensagem de salvação.

Não só mas aumenta o número daqueles que, embora tendo recebido o anúncio do Evangelho, o esqueceram e abandonaram, já não se reconhecem na Igreja; e muitos âmbitos, inclusive em sociedades tradicionalmente cristãs, hoje são refractários a abrirem-se à palavra da fé. Está em acto uma mudança



cultural, alimentada também pela globalização, de movimentos de pensamento e de relativismo imperante, uma mudança que leva a uma mentalidade e a um estilo de vida que prescindem da Mensagem evangélica, como se Deus não existisse e exaltam a busca do bem-estar, do lucro fácil, da carreira e do sucesso como finalidade da vida, inclusive em detrimento dos valores morais.

Co-responsabilidade de todos

A missão universal envolve todos, tudo e sempre. O Evangelho não é um bem exclusivo de quem o recebeu, mas é um dom a partilhar, uma boa notícia a comunicar. E este dom-empenho está confiado não só a algumas pessoas, mas a todos os baptizados, os quais são «raça eleita... nação santa, povo adquirido» (*I Pd 2,9*), para que proclame as suas obras maravilhosas.

Estão envolvidas também todas as suas actividades. A atenção e a cooperação na obra evangelizadora da Igreja no mundo não podem ser limitadas a alguns momentos ou ocasiões particulares, e nem devem ser consideradas como uma das tantas actividades pastorais: a dimensão missionária da Igreja é essencial e, portanto, deve estar sempre presente. É importante que tanto cada baptizado como as comunidades eclesiais se interessem pela missão não de modo esporá-

dico e irregular, mas de maneira constante, como forma de vida cristã. O próprio Dia Missionário não é um momento isolado no decorrer do ano, mas uma ocasião preciosa para nos determos e reflectirmos se e como correspondemos à vocação missionária; uma resposta essencial para a vida da Igreja.

Evangelização global

A evangelização é um processo complexo e inclui vários elementos. Entre estes, uma atenção peculiar da parte da animação missionária sempre foi dada à solidariedade. Este é também, um dos objectivos do Dia Missionário Mundial que, através das Pontifícias Obras Missionárias solicita a ajuda para a realização das tarefas de evangelização nos territórios de missão. Trata-se de apoiar instituições necessárias para estabelecer e consolidar a Igreja mediante os catequistas, os seminários, os sacerdotes; e também de oferecer a própria contribuição para o melhoramento das condições de vida das pessoas em países nos quais são mais graves os fenómenos de pobreza, subalimentação sobretudo infantil, doenças, carência de serviços médicos e para a instrução. Isto também faz parte da missão da Igreja.

Anunciando o Evangelho, ela toma a peito a vida humana em sentido pleno. Não é aceitável, afirmava o Servo de Deus Paulo VI, que na





evangelização se descuidem os temas relativos à promoção humana, à justiça e à libertação de todas as formas de opressão, obviamente no respeito pela autonomia da esfera política. Não se interessar pelos problemas temporais da humanidade significaria «esquecer a lição que vem do Evangelho sobre o amor ao próximo que sofre e está em necessidade» (cf. Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 31.34); não estaria em sintonia com o comportamento de Jesus, o qual «percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando todas as enfermidades e doenças» (Mt 9, 35).

Assim, através da participação co-responsável na missão da Igreja, o cristão torna-se construtor da comunhão, da paz, da solidariedade que Cristo nos concedeu, e colabora para a realização do plano salví-

fico de Deus para toda a humanidade. Os desafios que ela encontra chamam os cristãos a caminhar juntamente com os outros, e a missão faz parte integrante deste caminho com todos. Nela conservamos, embora em vasos de barro, a nossa vocação cristã, o tesouro inestimável do Evangelho, o testemunho vivo de Jesus morto e ressuscitado, encontrado e acreditado na Igreja.

O Dia Missionário reavive em cada um o desejo e a alegria de «ir» ao encontro da humanidade levando Cristo a todos. Em seu nome concedo-vos de coração a Bênção Apostólica, em particular àqueles que mais trabalham e sofrem pelo Evangelho. ☕

Benedictus PP XVI

Vaticano, 6 de Janeiro de 2011,
Solenidade da Epifania do Senhor.

DEUS-TRINDADE: MODELO DE COMUNIDADE

Por ser assim, *amor, simplesmente amor*, Deus-Trindade é *modelo de comunidade*. Não somente modelo, mas também fonte e origem e inspiração para relações comunitárias que sejam verdadeiramente humanas. Não somente modelo, mas também crítica de todas as relações desumanas, opressoras e exploradoras, injustas, egoístas e mesquinhas.

FRUTOS DO AMOR

Criados que somos, seja individualmente, seja colectivamente, à **imagem e semelhança de Deus-Trindade** (Gn 1, 26-27), não podemos ficar longe dessa fonte inspiradora e desse olhar crítico e questionador. Tanto mais nós, cristãos, que tivemos a graça de saber que Deus é assim e, portanto, que também nós somos assim.

O apóstolo João exulta de alegria ao anunciar essa descoberta: *“Vejam que prova de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos/filhas de Deus. E nós de facto o somos! Se o mundo não nos reconhece (e às vezes nós mesmos não nos reconhecemos), é porque*

também não reconheceu a Deus” (1 Jo 3,1).

E continua, esperançoso: *“Desde agora nós já somos filhos/filhas de Deus, embora não se tenha tornado claro o que vamos ser. Sabemos que quando Jesus se manifestar, sere-mos semelhantes a Ele, porque nós o veremos como Ele é”* (1 Jo 3,2).

Criados por um Deus-Amor, nós somos frutos do amor. Nós já somos divinos, embora, por causa da nossa condição terrena e mortal e, mais ainda, por causa das rupturas do pecado, essa nossa condição divina fique obscurecida.

SER CRISTÃO

Ser humano e, mais ainda, ser cristão, é espelhar na terra a nossa origem trinitária. Adaptando o ditado “tal pai, tal filho”, poderíamos dizer: **“tal Deus-Amor criador, tal ser humano-amor, tal humanidade-amor”**.

Com o olhar da fé, podemos enxergar essa realidade no fundo de nossos próprios corações, no rosto confiante das crianças, na face serena dos idosos e idosas, no sorriso jovial da juventude e da adolescência.

Com o olhar da fé e a prática da caridade, podemos acreditar que é possível uma sociedade sem excluídos, uma única Igreja de Cristo sem divisões, uma política de serviço e não de corrupção e nepotismo, uma economia de bens e serviços disponíveis para todos, *“para que todos tenham vida em abundância”*, como Deus-Amor criador quis e quer (Jo 10,10).

Com o olhar da fé, a prática da caridade e a firmeza da esperança, podemos dar um basta a toda a forma de violência, *“esperando contra toda a esperança”* (Rom 4,18), podemos fincar nossos pés, mãos e corações, na fidelidade do amor de Deus-Trindade e partir para novos rumos.


SOMOS DIFERENTES

Afinal, como Paulo, *“nós sabemos em quem pusemos nossa confiança e nossa fé”* (2 Tim 1,12); como João, *“nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nesse amor”* (1 Jo 4,16). Nós não somos como os outros, tristes

e angustiados, *“que não têm esperança”* (1 Tes 4,13).

A última palavra, nós bem sabemos, não será a do algoz, do tirano e do poderoso prepotente. Mas **será do Deus libertador e amigo**, que da morte e da cruz faz brotar a vida nova da ressurreição, que transforma a dor e o luto em força e energia para novos tempos.

Como a primeira palavra da história, fincada na eternidade, é o Amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, assim também **a última palavra**. A vitória final, caberá a esse mesmo Amor.

Nossa origem, nosso presente e nossa meta se encontram em Deus-Trindade. Dele viemos, nele vivemos, para ele vamos, a ele voltaremos. **Em Deus-Amor, comunhão trinitária, “vivemos, nos movemos e existimos”** (At 17,28). 

Pe. Vitor G. Feller

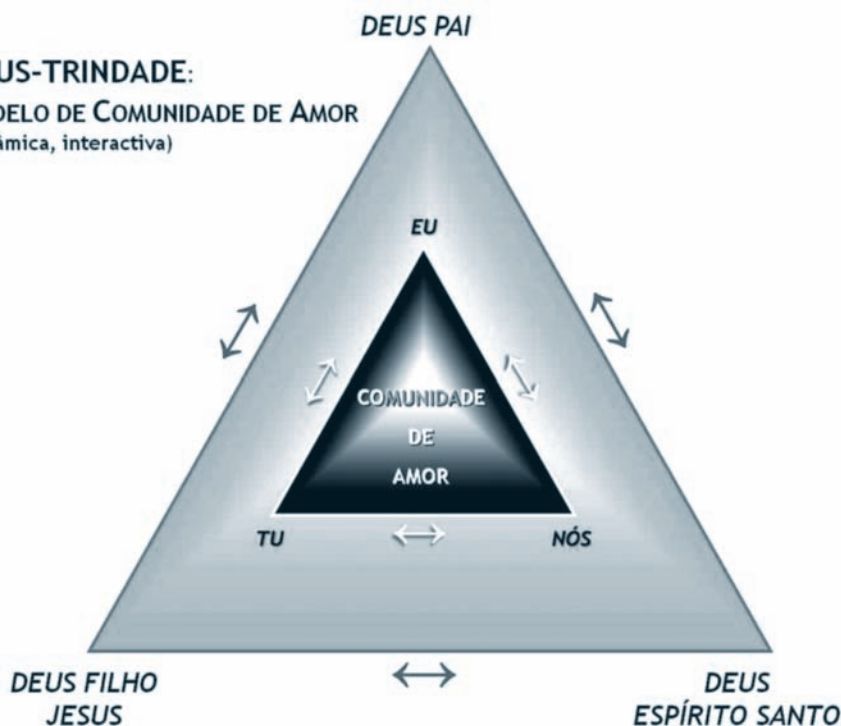
Padre diocesano em Florianópolis,
doutor em Teologia, professor
de Teologia e Coordenador de Pastoral
da Arquidiocese de Florianópolis

REFLECTINDO:

- 1) De que maneira espelhamos no ministério catequético, na vida familiar e no serviço à Igreja, o amor de Deus?
- 2) O que falta à nossa comunidade cristã e à nossa sociedade para serem sinais da comunhão divina trinitária?

DEUS-TRINDADE:

MODELO DE COMUNIDADE DE AMOR
(dinâmica, interactiva)



**O AMOR MARCARÁ
O VOSSO CURSO**

...
O amor só dá de si mesmo,
e só recebe de si mesmo.

O amor não possui
nem quer ser possuído.

Porque o amor basta ao amor.

Quando amardes, não digais:
Deus está no meu coração,
mas antes:
Eu estou no coração de Deus.

E não penseis
que podeis guiar o curso do amor;
porque o amor, se vos julgar dignos,
marcará ele o vosso curso.

de "O Profeta", Khalil Gibran

*"Uma **Comunidade de Amor** que emerge
surpreendentemente na vida de cada um
é **uma realidade a descobrir**,
é **uma realidade a construir**, com doses
de sonho e de realidade – sábia loucura,
vive-se **numa implicação mútua de aliança**,
e conjuga-se no **encontro do eu, do tu e do nós**."*

JOÃO PAULO II – O NOVO SANTO

“Será beatificado este ano.

Porque vai Karol ser santo?

Quase que parece predestinado...

**Wojtila foi sempre corajoso, recto, adepto da justiça,
inimigo dos abusos e das arbitrariedades”.**

É o passo que faltava para que João Paulo II possa ser beatificado. A Comissão Médica da Congregação para as Causas dos Santos acaba de decretar como miraculosa a cura de uma freira francesa de 44 anos, que sofria de Parkinson. A mulher teve a sua saúde de volta porque o Papa polaco intercedeu por ela, acredita a Igreja Católica.

Que etapa se segue a este reconhecimento importante e difícil?

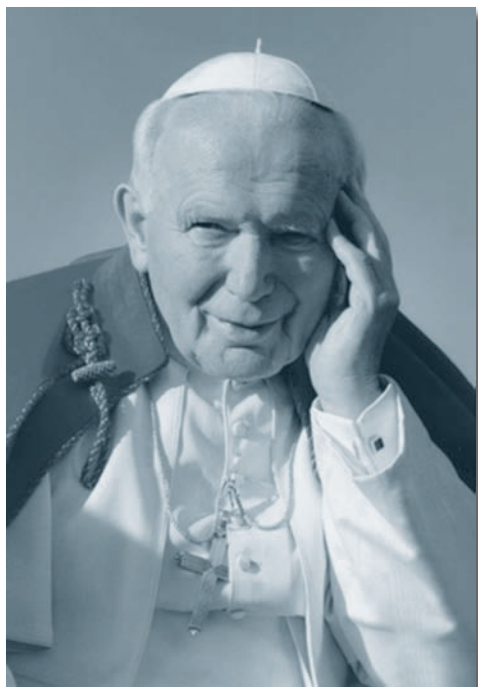
A aprovação do milagre por uma comissão de teólogos, uma outra de bispos e cardeais, e, no final, pelo próprio Papa Bento XVI. A seguir bastará esperar pelo final do processo “burocrático” e aguardar a data da cerimónia oficial. Assim, fontes oficiais da Igreja dão a beatificação como quase certa em 2011. Talvez no segundo semestre deste ano.

Uma das melhores formas de conhecer toda a grande narrativa que levará à beatificação (e canonização) de Karol Józef Wojtila poderá ser através de um livro. Chama-se João Paulo II Santo: A verdadeira História Contada pelo Postulador

da Causa da Beatificação – de Slawomir Oder e Saverio Gaeta, editado em Portugal pela Esfera dos Livros. As histórias, relatos e episódios contidos na obra são muito reveladoras. Transcrevemos parte delas.

Slawomir traz à luz diversos detalhes desconhecidos da vida pessoal do primeiro Papa polaco. Nomeadamente que se flagelava em segredo com um cinto. Ou que dormia despidido no chão, como acto de penitência. Nestas 213 páginas de simples e clara leitura, são apresentados documentos inéditos e polémicos. Como uma carta de renúncia escrita pelo Sumo Pontífice, em 1989, para acautelar a eventualidade de ficar incapacitado. Oder e Saverio mostram-nos este chefe do Vaticano: um carismático protagonista da História e um crente capaz de viver no corpo a mensagem evangélica.

Um dia, uma das irmãs de serviço no apartamento pontifício viu João Paulo II particularmente cansado e confiou-lhe estar “preocupada com Sua Santidade”. “Também eu estou



preocupado com a minha santidade”, foi a resposta sorridente e imediata do Papa.

Um dos muitos acontecimentos da juventude do Santo Padre desvendados neste volume dá-nos uma clara visão sobre o homem que ele foi. Tem que ver com o engenheiro judeu Jerzy Kluger, companheiro de infância em Wadowice (Cracóvia, Polónia), onde nasceu. Estes dois amigos (que o eram até à morte) gostavam de recordar esse facto, ocorrido nos últimos dias de escola primária. Jerzy foi, numa manhã, ver os resultados de admissão ao liceu, que eram positivos para os dois. Apressou-se a ir a casa do colega, para lhe dar a boa notícia. Foi-lhe dito que ele estava a acolhi-

tar a missa, na paróquia de Nossa Senhora. Apesar de nunca ter entrado numa Igreja Católica, este rapzinho judeu (nascido na Polónia dos anos 20, tal com Karol) decidiu fazê-lo. Ficou ao fundo, à espera que a celebração acabasse. Do altar o amigo católico avistou-o. Fez-lhe sinal para que ficasse quieto e não falasse. Uma senhora, no entanto, reconheceu-o. Perguntou-lhe com dureza, como se atrevera a profanar a igreja, ele, que era judeu! Terminada a missa, o pequeno Wojtila, que tinha dez anos, foi logo ter com Jerzy. Não prestou a mínima atenção à notícia sobre o exame. Quis de imediato, saber o que a mulher tinha dito ao outro. Depois comentaria entristecido; **“Mas ela não sabe que somos todos filhos do mesmo Deus?!”**.

Cinquenta e seis anos mais tarde, o líder dos católicos de todo o mundo mostrava pelos judeus o respeito que evidenciara aos dez anos. Em 1986, em visita papal à Sinagoga de Roma, definiu os judeus como os “irmãos mais velhos” dos cristãos.

Os colegas ouvidos pelos investigadores, e citados neste livro, recordam-no como um rapaz de talentos extraordinários, afável e que se distinguiu pelo elevado nível moral. Não permitia a ninguém que copiasse por ele, pois considerava esse comportamento desonesto. Estava, no entanto, sempre disponível para ajudar quem tivesse necessidade, explicando coisas que não tinham




sido compreendidas ou fazendo juntos os trabalhos de casa, à tarde. Já no seminário, um colega perguntou se ele poderia ajudá-lo durante uma prova. Respondeu: **“Caro amigo, confia em Deus e tenta sozinho”**. Wojtila foi um decidido, inteligente e influente opositor da ditadura na Polónia.

Quando em 1978 foi eleito Papa, a

documentação a seu respeito nos Serviços de Segurança do regime já enchia 18 caixas. Com eloquência, prestígio e autoridade moral, o então cardeal fazia abanar e tremer o poder totalitário do seu país. Que cairia mais tarde em 1989. Até lá, o Estado polaco continuou sempre a vigiá-lo.

Nasceu em Wadowice, Cracóvia (Polónia), a 18 de Maio de 1920.

Karol Józef Wojtila era filho de Karol, 40 anos, oficial do exército. E Emilia Kaczorowska, 36 anos, doméstica. O irmão, Edmundo, era 14 anos mais velho. A pequena Olga, por sua vez, morrera seis anos antes. Aos nove anos, perdeu a mãe, vítima de doença cardíaca. A 5 de Dezembro de 1932 morre o irmão, médico, levado por uma violenta epidemia de escarlatina.

Viveu 84 anos, dez meses e 15 dias. Karol Wojtila foi Papa durante 26 anos, cinco meses e 17 dias. O seu pontificado influiu na marcha da Igreja como poucos antes. Foi o Sumo Pontífice mais universal e mais conhecido de todos os tempos. Foi, fundamentalmente, um Santo Padre viajante. Escreveu muito, e adorava o contacto com as pessoas. Foi um dos artífices da crise e do declínio do comunismo, defendendo sempre os cidadãos polacos contra a ditadura. 

In “Nova Gente” de 17 a 23/01/2011

In “Ecos do Sameiro”

CIDADANIA E MISSÃO



Noutros tempos, a cidadania não era um direito universal, mas um privilégio de alguns, que se podia adquirir por diversas fontes e motivos: por herança de pais patrícios romanos, por compra, por méritos e por uma oferta benevolente de algum benfeitor.

“Cidadão” era o indivíduo que estava submetido e, ao mesmo tempo, protegido pelas leis do **Império**. Paulo de Tarso era um cidadão romano não por herança, pois era judeu de nascimento, mas por algum dos outros motivos.

CIDADANIA MODERNA E ACTIVA

A **cidadania moderna** tem origem nos novos modelos de sociedade a partir da Revolução Francesa. A cidadania diz relação a um conjunto de direitos e deveres cívicos, políticos, económicos, sociais e culturais que um indivíduo tem na sociedade em que vive.

A cidadania moderna reconhece a todas as pessoas – independentemente da sua raça, religião, etnia ou

condição social, igualdade política e jurídica –, direito de integração e participação numa comunidade.

Esses direitos e deveres visam o máximo desenvolvimento de cada ser humano e das suas relações com os outros. São inspirados nos valores universais da igualdade e da liberdade e definem as responsabilidades do Estado para com os

indivíduos, dos indivíduos para com o Estado e dos indivíduos entre si.

Por vezes, a cidadania é entendida como sinónimo de “nacionalidade”, referindo-se ao estatuto jurídico de uma pessoa como membro de um país próprio. Em determinados aspectos, a sua aplicação pode ainda ser alargada para além do próprio país, como é o caso da cidadania europeia.

Por **cidadania activa** entende-se o reconhecimento universal do direito e do dever de participação política, exigindo que os indivíduos e o Estado assumam activamente as suas responsabilidades: o cidadão através da intervenção em todos os actos a que a lei o obriga ou permite, o Estado através da oferta de oportunidades e facilitando essa intervenção.

CIDADANIA E MISSÃO

Estamos no “Ano Europeu das Actividades de Voluntariado que **Promovam uma Cidadania Activa**”. Nas sociedades abertas, multi-étnicas e

multi-culturais, a cidadania exprime a vinculação aos direitos e deveres e à integração dos indivíduos na comunidade.

Actualmente, esta cidadania já não pode ser definida em função de uma comunidade restrita (região, país, religião, língua, cultura). A dependência entre as sociedades, o alargamento do diálogo cultural, a interligação de povos, as comunicações, os reflexos universais da economia, a expansão do turismo, fazem com que as pessoas cada vez sejam mais planetárias.

É missão do cidadão comum intervir nas decisões de interesse nacional, e não descarregar essas responsabilidades apenas nos governantes, sindicalistas, políticos e autarcas. Esta cidadania deve ser activa, como se proclama neste Ano Europeu, e faz parte dos direitos inalienáveis de todos os indivíduos, numa partilha de igualdades políticas e jurídicas.

Todos têm o direito e o dever à plena integração e participação numa sociedade com base na diversidade e pluralismo. Esta é a missão de todo o indivíduo que faz parte de uma comunidade.

CIDADANIA CRISTÃ


“Não sou ateniense, nem grego, mas sim cidadão do mundo”. Só filosoficamente o podemos dizer, como dizia e entendia Sócrates, há 2.500 anos. Cada um (também ele) vive na realidade da sua cidade ou aldeia, e não numa suposta sociedade humana abstracta; como tal, somos filhos de um país, moradores numa terra e comunidade, de quem recebemos e onde exercemos os nossos direitos

e deveres. O cristão faz parte dessa cidadania concreta e activa.

Temos assistido ultimamente a grande agitação política devido à crise económica mundial que contaminou todos os países, danificando mais drasticamente os países pobres. Portugal é um dos mais atingidos, pon-do em turbulência as forças políticas, com reflexos no campo laboral, económico e também eleitoral. É altura de o cristão identificar os campos e as fronteiras, ou melhor, o reino dos homens e o reino de Deus e intervir fazendo ponte entre os dois.

Jesus, embora não sendo cidadão romano no sentido legal, pois era judeu, apesar de ter o país natal ocupado pelo Império, cumpriu a lei e ensinou a dar «a César o que é de César» e a dar «a Deus o que é de Deus» (Mt 22,21), numa sábia resposta de atitude de cidadania plena. Ele separa César de Deus, não para excluir, mas para integrar e completar.

A cidadania cristã supõe a política, a económica e a social, não para se sujeitar a elas, mas para as incluir no projecto global de Cristo que propõe uma felicidade integral num reino global. Não há uma felicidade para o corpo (do homem cidadão) e outra para a alma (do homem cristão). Veja EN, 29.

Jesus rezou ao Pai, não para nos retirar do mundo, mas para nos livrar do Maligno (Jo 17,15). O absentismo social e político é uma fuga ao mundo, que Deus não quer. Mas, assumir e exercer os direitos e deveres cívicos é uma forma de nos livrarmos de alguns Malignos da sociedade. 

In “Bíblica”

“ESSÊNCIA DA CARIDADE CRISTÃ E ECLESIAL”

Carta Encíclica “Deus é Amor”

“Segundo o modelo oferecido pela parábola do Bom Samaritano, **a caridade cristã é simplesmente, em primeiro lugar, a resposta àquilo que,** numa determinada situação, constitui a necessidade imediata: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados para se curarem, os presos visitados, etc. (...)

A competência profissional é uma primeira e fundamental necessidade, mas por si só não basta. É que se trata de seres humanos e estes... precisam de humanidade, precisam da atenção do coração. Todos os que trabalham nas instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se por isto... (...)

Por isso, **para tais agentes,** além da preparação profissional, **requer-se também e sobretudo, a «formação do coração»:** é preciso levá-los àquele encontro com Deus em Cristo que suscite neles o amor e abra o seu íntimo ao outro de tal modo que, para eles, o amor do próximo já **não seja um mandamento,** por assim dizer, **imposto de fora,** mas uma consequência resultante da sua fé, que se torna operativa pelo amor.

A actividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo de maneira ideológica, nem está ao serviço de estratégias mundanas, mas é actualização aqui e agora daquele amor de que o ser humano sempre tem necessidade. (...)


Só se contribui para um mundo melhor, fazendo o bem agora e pessoal-

mente, com paixão e em todo o lado onde for possível, independentemente de estratégias e programas de partido. O programa do cristão – o programa do bom Samaritano, o programa de Jesus – **é «um coração que vê».** Este coração vê onde há necessidade de amor e age de acordo com isso.

... quando a actividade caritativa é assumida pela Igreja como iniciativa comunitária, à espontaneidade do indivíduo é preciso também acrescentar a programação, a providência, a colaboração com outras instituições idênticas. (...)

O amor é gratuito: não é realizado para alcançar outros fins. Isto, porém, não significa que a acção caritativa deva, por assim dizer, **deixar Deus e Cristo de lado. Está sempre em jogo o ser humano todo.** (...)

Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, **é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e que nos impele a amar.** O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. (...)

É dever das organizações caritativas da Igreja reforçar de tal modo esta consciência nos seus membros, que estes, através do seu agir – como também do seu falar, do seu silêncio, do seu exemplo –, se tornem testemunhas credíveis de Cristo”. 

AS NOSSAS RESPONSABILIDADES



Se tivesse que escolher três palavras para resumir a essência do papel dos leigos na Igreja do século XXI, centrar-me-ia em caridade, autenticidade e exemplaridade. Verdadeiramente todas elas se reduzem à primeira: caridade. É através da caridade que a pessoa humana se pode aproximar dos valores espirituais da bondade desinteressada, da verdade da vida e da beleza do espírito.

A caridade é, no plano da realização humana, o verdadeiro património comportamental do cristianismo. Como se diz no Novo Catecismo Católico a caridade é “o fruto do Espírito e a plenitude da lei”.

A caridade cristã é muito diferente da mera partilha do que se tem a mais. Não é uma técnica para dispensa do supérfluo, nem um acto de estigmatização de quem não tem. A caridade é a confluência do

ter e do não ter através do ser. É amar sem contrapartida: É a plenitude do desinteresse pessoal.

A caridade é uma importante expressão relacional da fé e um caminho para a esperança. A caridade é, ao mesmo tempo, a inteligência do coração e o coração da inteligência. É mais do que solidariedade ou altruísmo. Exige, como tão bem disse Jean Guittou, “o esquecimento de nós mesmos”.

Autenticidade e exemplaridade no testemunho e no serviço significam procurarmos ser mais conformes ao Evangelho e expressarmos, sem tibieza, a nossa prática cristã. Na família, no trabalho, na escola, na sociedade e não apenas na Igreja.

Em particular, há dois pontos que sublinho como nucleares no papel dos leigos: a defesa da família e a da vida.

A família como primeira e imprescindível, infra-estrutura afectiva, moral e social e a promoção dos valores da vida sem hesitações e em todas as circunstâncias.

A família é a primeira escola da vida e de trabalho. Hoje alvo de ofensas e ataques, por vezes directos, mas quase sempre insidiosos, temos que estar na linha da frente para a salvaguarda da família como o primeiro espaço de amor,

partilha, redistribuição de saberes, solidariedade entre gerações.


Todos deveremos compreender e compartilhar caminhos de esperança para situações de vulnerabilidade familiar. Mas que tal não se faça à custa da desvalorização da família. A protecção de situações minoritárias não se pode tornar uma “ditadura” circunstancial e de moda contra a maioria das famílias.

É tempo de, como cristãos empenhados, levantarmos bem alto a nossa voz na promoção do património familiar: conjugalidade afectiva, maternidade e paternidade responsáveis, coesão geracional, educação do carácter e de valores, partilha sem limites.

E também de exprimirmos, de uma maneira clara, sem ambiguidades e com fortaleza, a centralidade do respeito absoluto pela vida humana. Também aqui tudo deveremos fazer para robustecer o que Cristo nos anunciou: *“Eu Vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”* (Jo 10,10).

Teremos que continuar, sem hiatos ou desfalecimentos, a clamar pela defesa intransigente da vida. Contra uma cultura da morte que, anestesiada ou até adocicadamente, se quer instalar no seio da sociedade. Essa cultura da morte traduzida no aborto, na “boa morte”, na vulgarização da contracepção, no desprezo pelos mais velhos, no

pansexualismo sem limites, na droga, na mediatização dos senhores da guerra, na exaltação da estatística dos sofrimentos, na sistemática confusão entre direito à vida e direito sobre a vida, na moda da permissividade, no perigo do abuso de manipulações genéticas, na ciência sem humanidade.

Estes desafios e responsabilidades têm que ser prosseguidos sem disfarces, eufemismos ou preocupações “mediaticamente correctas”. Pela acção, pelo trabalho, pelo testemunho, pelo exemplo, pela palavra. 



“ALEGRAI-VOS E EXULTAI, PORQUE É GRANDE NOS CÉUS A VOSSA RECOMPENSA”



As “bem-aventuranças” são fórmulas relativamente frequentes na tradição bíblica e judaica. Aparecem, quer nos anúncios proféticos de alegria futura (cf. Is 30,18; 32,20; Dn 12,12), quer nas acções de graças pela alegria presente (cf. Sl 32,1-2; 33,12; 84,5.6.13), quer nas exortações a uma vida sábia, reflectida e prudente (cf. Prov 3,13; 8,32.34; Sir 14,1-2.20; 25,8-9; Sl 1,1; 2,12; 34,9). Contudo, elas definem sempre uma alegria oferecida por Deus.

As “bem-aventuranças” evangélicas devem ser entendidas no contexto da pregação sobre o “Reino”. Jesus proclama “bem-aventurados” aqueles que estão numa situação de debilidade, de pobreza, porque Deus está a ponto de instaurar o “Reino” e a situação destes “pobres” vai mudar radicalmente; além disso, são “bem-aventurados” porque, na sua fragilidade, debilidade e dependên-

cia, estão de espírito aberto e coração disponível para acolher a proposta de salvação e libertação que Deus lhes oferece em Jesus (a proposta do “Reino”).

As quatro primeiras “bem-aventuranças” referidas por Mateus (vers. 3-6) estão relacionadas entre si. Dirigem-se aos “pobres” (as segunda, terceira e quarta “bem-aventuranças” são apenas desenvolvimentos da primeira, que proclama: “bem-aventurados os pobres em espírito”). Saúdam a felicidade daqueles que se entregam confiadamente nas mãos de Deus e procuram fazer sempre a sua vontade; daqueles que, de forma consciente, deixam de colocar a sua confiança e a sua esperança nos bens, no poder, no êxito, nos homens, para esperar e confiar em Deus; daqueles que aceitam renunciar ao egoísmo, que aceitam despojar-se de si próprios e estar disponíveis para Deus e para os outros.

Os “pobres em espírito” são aqueles que aceitam renunciar, livremente, aos bens, ao próprio orgulho e auto-suficiência, para se colocarem, incondicionalmente, nas mãos de Deus, para servirem os irmãos e partilharem tudo com eles.

Os “mansos” não são os fracos, os que suportam passivamente as injustiças, os que se conformam com

as violências orquestradas pelos poderosos; mas são aqueles que recusam a violência: que são tolerantes e pacíficos, embora sejam, muitas vezes, vítimas dos abusos e prepotências dos injustos... A sua atitude pacífica e tolerante torná-los-á membros de pleno direito do “Reino”.

Os “que choram” são aqueles que vivem na aflição, na dor, no sofrimento provocados pela injustiça, pela miséria, pelo egoísmo; a chegada do “Reino” vai fazer com que a sua triste situação se mude em consolação e alegria...

A quarta bem-aventurança proclama felizes “os que têm fome e sede de justiça”. Provavelmente, a justiça deve entender-se, aqui, em sentido bíblico – isto é, no sentido da fidelidade total aos compromissos assumidos para com Deus e para com os irmãos. Jesus dá-lhes a esperança de verem essa sede de fidelidade saciada, no Reino que vai chegar.


O segundo grupo de “bem-aventuranças” (vers. 7-11) está mais orientado para definir o comportamento cristão. Enquanto que no primeiro grupo se constatam situações, neste segundo grupo propõem-se atitudes que os discípulos devem assumir. Os “misericordiosos” são aqueles que têm um coração capaz de compadecer-se, de amar sem limites, que se deixam tocar pelos sofrimentos e alegrias dos outros homens e mulheres, que são capazes de ir ao encontro dos irmãos e estender-lhes a mão, mesmo quando eles falharam.

Os “puros de coração” são aqueles que têm um coração honesto e leal,

que não pactua com a duplicidade e o engano.

Os “que constroem a paz” são aqueles que se recusam a aceitar que a violência e a lei do mais forte rejam as relações humanas; e são aqueles que procuram ser – às vezes com o risco da própria vida – instrumentos de reconciliação entre os homens.

Os “que são perseguidos por causa da justiça” são aqueles que lutam pela instauração do “Reino” e são desautorizados, humilhados, agredidos, marginalizados por parte daqueles que praticam a injustiça, que fomentam a opressão, que constroem a morte... Jesus garante-lhes: o mal não vos poderá vencer; e, no final do caminho, espera-vos o triunfo, a vida plena.

Na última “bem-aventurança” (vers. 11), o evangelista dirige-se, em jeito de exortação, aos membros da sua comunidade que têm a experiência de ser perseguidos por causa de Jesus e convida-os a resistir ao sofrimento e à adversidade. Esta última exortação é, na prática, uma aplicação concreta da oitava “bem-aventurança”. No seu conjunto, as “bem-aventuranças” deixam uma mensagem de esperança e de alento para os pobres e débeis. Anunciam que Deus os ama e que está do lado deles; confirmam que a libertação está a chegar e que a sua situação vai mudar; asseguram que eles vivem já na dinâmica desse “Reino” onde vão encontrar a felicidade e a vida plena. 

Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos). In “Voz da Verdade”

AOS QUE PASSAM EM NOSSAS VIDAS

Cada um que passa em nossa vida passa sozinho...
Porque cada pessoa é única para nós,
e nenhuma substitui a outra.

Cada um que passa em nossa vida passa sozinho,
mas não vai só...

Levam um pouco de nós mesmos
e nos deixam um pouco de si mesmos.

Há os que levam muito,
mas não há os que não levam nada.

Há os que deixam muito,
mas não há os que não deixam nada.

Esta é a mais bela realidade da vida...

A prova tremenda de que cada um é importante
e que ninguém se aproxima do outro por acaso... 🌐



Antoine de Saint-Exupéry (1900 – 1944)

BEATIFICAÇÃO DA IRMÃ MARIA CLARA SERÁ A 21 DE MAIO

(Estádio do Restelo acolhe celebração)

O dia 21 de Maio de 2011 foi a data escolhida pela Sé Apostólica para a beatificação da Irmã Maria Clara do Menino de Jesus, que acontecerá no Estádio do Restelo, em Lisboa. “Maria Clara, um rosto da ternura e da misericórdia de Deus” é o slogan que dará o tom às comemorações.

Depois de em 1991 ter recebido o Papa João Paulo II, o Estádio do Restelo prepara-se agora para acolher a cerimónia de beatificação da irmã Maria Clara do Menino Jesus, fundadora das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC). “Espera-se um significativo número de participantes, não só de Portugal, como delegações dos 14 países onde se encontra a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC), fundada pela Irmã Maria Clara do Menino Jesus (1843-1899) e pelo Padre Raimundo dos Anjos Beirão (1810-1878)”, referem as religiosas, em comunicado enviado à VOZ DA VERDADE. A Igreja proclamará beata a irmã Maria Clara do Menino Jesus, isto é, “bem-aventurada, feliz, apresentando-a, assim, como



exemplo, desafio e estímulo para todos os cristãos”, acrescenta a nota.

“Maria Clara, um rosto da ternura e da misericórdia de Deus” é o

slogan que dará o tom às comemorações. “De facto, nela se visibilizam os traços característicos do coração de Deus: bondade, ternura, compaixão, misericórdia, acolhimento, gratuidade, confiança, amor”, sublinham as irmãs da CONFHIC.

Quem foi a irmã Clara?

De família nobre, Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque nasceu na Amadora, a 15 de Junho de 1843. Foi baptizada na igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Benfica, e após ter ficado órfã de mãe e pai, nas epidemias de 1856 e 1857, ingressou no Asilo Real da Ajuda, orientado pelas Filhas da Caridade francesas. Com a expulsão das suas educadoras, em 1862, embora tendo família, aceitou o convite dos Marqueses de Valada que a receberam e trataram como filha. Após cinco anos de vida faustosa, entrou no Pensionato de São Patrício. Aí, sob a orientação espiritual do padre Raimundo dos Anjos Beirão – ardente pregador apostólico português –, veio a professar particularmente nas Terceiras Seculares de São Francisco de Assis, as Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição, com o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.



Envolta em fama de santidade, a irmã Maria Clara faleceu em Lisboa, a 1 de Dezembro de 1899, depois de uma vida inteiramente dedicada a fazer o Bem, onde fosse necessário. Os seus restos mortais repousam na Cripta da Casa-Mãe da Congregação, em Linda-a-Pastora, onde acorrem inúmeros devotos a implorar a sua intercessão junto de Deus.

O milagre

Recorde-se que no passado dia 10 de Dezembro, Bento XVI assinou o Decreto de aprovação do milagre atribuído à intercessão da irmã Maria Clara: a cura repentina de pioderma gangrenoso de Giorgina Troncoso Monteagudo, uma cidadã espanhola que desde há 34 anos padecia desta doença. 🇵🇹

BISPOS LAMENTAM FALTAM DE RESPOSTAS DO ESTADO


O presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social, D. Carlos Azevedo, lamentou “a falta de resposta do Estado” a “propostas inovadoras” para fazer face à actual situação de crise social e económica. “O Estado, infelizmente, não responde sequer àquilo que lhe é proposto por parte de algumas organizações da Igreja”, assinalou.

Em declarações aos jornalistas, após uma reunião do Conselho Consultivo da Pastoral Social, o Bispo Auxiliar de Lisboa apresentou, como exemplo, a ausência de apoios estatais para iniciativas de auto-emprego, que receberam, entretanto, resposta de “grandes empresas e instituições bancárias”.

Para o Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social, é necessária atenção “às medidas de protecção social”, lamentando a sobrecarga a que têm sido submetidas as instituições da Igreja. “A protecção social não pode ser feita apenas com estas iniciativas de ajuda (da Igreja, ndr), achamos também aqui que o Estado tem de estar muito mais atento e atender a quem mais está aflito, porque às vezes parece que está mais atento a quem tem muito”, acusa.

D. Carlos Azevedo assegurou que

“as pessoas têm muita confiança na Igreja e vêem que é a instituição que mais pode, neste momento, ir ao encontro de quem mais precisa”. Neste sentido, o prelado pediu que “as paróquias estejam cada vez mais mobilizadas”, apelando a um “trabalho em rede” para que cada comunidade “tenha em conta as suas situações, porque há ajudas a quem podem recorrer”. Segundo este responsável, são “situações difíceis de resolver”, estando a Igreja Católica a valer-se do Fundo Social Solidário, criado em 2010 para acorrer aos mais necessitados. O fundo distribuiu quase 74 mil euros a 323 pessoas, em Dezembro de 2010, correspondentes a 103 casos apresentados por várias dioceses, com destaque para Vila Real. O Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social fala mesmo num “surpreendente” sentido de partilha, deixando um alerta: “Sabemos que a crise vai ser pior na segunda metade de 2011 e se vai prolongar no próximo ano”.

O Bispo Auxiliar de Lisboa revelou que há pessoas a doar “parte do seu ordenado” para o fundo, incluindo não católicos, por confiarem na “missão social” da Igreja. 

In “Ecclesia”

POBREZA “ENVERGONHADA”

Quando estava a falar há dias com uma colega e amiga, juntamente com a qual tenho a incumbência de organizar uma série de actividades alusivas ao Ano Europeu do Voluntariado que não sejam mais uma série de conferências, veio à baila o problema da pobreza “envergonhada”. Não é coisa que seja nova na sociedade em que vivemos e na vida da nossa e da das outras Conferências Vicentinas. Há, no entanto, algo que é novo a este respeito. Por razões que todos conhecemos (desemprego, falências de empresas, endividamento de muitas famílias, situações de divórcio, etc.) o número de pessoas nesta situação tem vindo a aumentar nos últimos tempos e, provavelmente, esta tendência irá continuar nos próximos anos.


Lidar com este tipo de pobreza é difícil a vários títulos. Começa logo porque, ao ser “envergonhada”, é mais difícil de detectar do que a pobreza explícita. Exige, por isso, muito mais esforço e muitos mais cuidados por parte de quem, como os Vicentinos, deve estar na faina de ajudar quem é pobre.

Depois, mesmo quando os casos são identificados, nalguns deles há uma natural resistência das pessoas nesta situação em serem ajudadas, ou então não é fácil encontrar a forma adequada de o fazer de maneira a contribuir para melhorar a auto-



-estima delas e outros aspectos importantes para que possam ter uma vida melhor.

De qualquer maneira, para vencer estas dificuldades uma coisa é certa: é preciso um trabalho de muita proximidade e muito discreto. Ora é aqui que organizações com um modo de agir como o das Conferências Vicentinas podem e devem ter vantagens relativamente a outras que actuam de forma mais distante e com menos recato.

Como já disse, isto não é nada de novo na vida da nossa e da das outras Conferências. Desde há muito temos tido e continuamos a ter casos destes. O que pode e deve haver de novo é uma atenção redobrada para mais casos que possam existir por aí a precisar da nossa atenção. 

In “O Gaiato”

Conferência de Paço de Sousa

PARA PENSAR



Um homem chegou a casa tarde, vindo do trabalho, cansado e irritado, e encontrou o seu filho de 5 anos esperando por ele à porta de casa.

– Pai, posso fazer-te uma pergunta?

– O que é? Respondeu o homem.

– Pai, quanto é que ganhas por hora?

– Isso não é da tua conta. Porque é que estás a perguntar uma coisa dessas? Respondeu o pai em tom agressivo.

– Eu só queria saber. Por favor diga-me quanto é que o Pai ganha numa hora?

– Se queres saber ganho 15 € à hora.

– Ah... Respondeu o menino com a cabeça para baixo.

– Pai, pode-me emprestar 7,50 €?

O pai ficou furioso.

– É essa a única razão pela qual me perguntaste isso? Pensas que é assim que podes conseguir algum dinheiro para comprar um brinquedo ou alguma outra coisa? Vai para o teu quarto e deita-te. Pensa sobre o quanto estás a ser egoísta. Eu não trabalho duramente todos os dias para tais infantilidades.

O menino foi calado para o seu quarto e fechou a porta.

O pai sentou-se e começou a ficar mais nervoso com as questões do filho. Como ele ousa fazer tais perguntas só para conseguir algum dinheiro? Cerca de uma hora depois, o homem tinha-se acalmado e começou a pensar: talvez houvesse algo que o filho realmente precisasse comprar com

esse dinheiro e ele realmente não podia dinheiro com muita frequência.

Dirigiu-se ao quarto do filho e abriu a porta.

– Estás a dormir meu filho? Perguntou.

– Não, pai, estou acordado. Respondeu o filho.

– Estive a pensar, talvez tenha sido muito duro contigo há pouco, afirmou o pai. Tive um longo dia de trabalho e acabei descarregando sobre ti. Aqui estão os 7,50 € que me pediste.

O menino levantou-se sorrindo.

– Oh, pai, obrigado, gritou.

Então, procurando por baixo do seu travesseiro, rebuscou alguns trocos.

O pai viu que o menino já tinha algum dinheiro e começou a enfurecer-se novamente.

O menino, lentamente, contou o seu dinheiro e, em seguida, olhou para o pai.

– Porque é que queres mais dinheiro se já tens algum? Gritou o pai.

– Porque eu ainda não tinha o suficiente, mas agora já tenho, respondeu o menino.

– Pai, eu agora tenho 15 €. Posso comprar uma hora do seu tempo? Por favor, chega amanhã mais cedo a casa. Eu gostaria de jantar contigo.

O Pai ficou destroçado. Colocou o seu braço em torno do filho e pediu-lhe desculpa. 🌊

In “Ecos do Sameiro”



MOURINHO, DEUS E A CARREIRA DE SUCESSO

José Mourinho acredita que Deus também faz parte da sua carreira de sucesso e, rejei-

tando superstições, gosta de ler algumas páginas da Bíblia antes dos jogos não para “Lhe pedir” ajuda, mas porque “acredita que Ele está”. “Quando leio a Bíblia não estou propriamente a pedir-Lhe para que me ajude. Eu não peço para que me ajude num jogo. Mas penso que se eu for um bom homem, um bom pai, um bom marido, um bom amigo, se tiver uma vida social compatível com aquilo que são os Seus ideais, penso que tenho mais possibilidade de... É uma coisa que me alimenta na fé”, refere o treinador da equipa de futebol profissional do Real Madrid.


As declarações de José Mourinho foram recolhidas em Madrid, no âmbito de um projecto editorial sob figuras empreendedoras em Portugal, promovido pelo CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) em parceria com o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa e com a Universidade de Aveiro, a que o Programa «70X7» se associou.

Na sua última emissão, o «70X7»

apresenta José Mourinho num discurso na primeira pessoa. O homem que recentemente foi eleito o melhor treinador do ano pela FIFA/France Football diz quais as suas convicções, as memórias pessoais que determinaram a sua vida e o que faz dele o «special one», o especial.

“Há uma coisa que digo sempre: tenho de tomar decisões mas tenho de ter razões para as minhas decisões” porque, reconhece, “o jogador de futebol não é fácil de gerir”.

Nos momentos de tensão, quando toma decisões por intuição e que determinam um jogo e, por vezes, uma época, reconhece também a presença de Deus. “Eu digo sempre: Ele lá em cima apontou para mim e disse tu vais ser um dos talentosos naquela área. E assim foi”, afirmou Mourinho.

“Sem ser aquele praticante profundo – que não o sou ou por personalidade ou pelo próprio estilo de vida que acabo por ter – acredito muito que Ele está e que, da mesma maneira que me escolheu como um dos eleitos, eu tenho também uma missão a cumprir neste mundo”, precisa. “A minha leitura de duas, três, quatro páginas da Bíblia antes dos jogos é simplesmente um acto de fé e de me sentir bem”, acrescenta. 

In “Ecclesia”

O FUTURO É AMANHÃ

Em Maio, depois de Davos e do Fórum Social Mundial, os consumidores vão poder debater com instituições como o Banco Mundial, os problemas e desafios que se lhes colocam durante os primeiros anos desta década e a melhor forma de os enfrentar.

Subordinado ao tema “Reforçar os poderes dos consumidores de amanhã”, realiza-se em Maio, em Hong-Kong, o Congresso Mundial das Associações de Consumidores. Para além das organizações de consumidores, estarão presentes líderes de topo do Banco Mundial, Comissão Europeia, Organização Mundial de Saúde, representantes de empresas multinacionais, da indústria e membros do governo de diversos países, o que constituirá uma oportunidade para um debate vivo entre as organizações de consumidores e estas entidades.

É a segunda vez que o Congresso da CI se realiza em Hong-Kong – a primeira foi em 1991 – e, nestes 20 anos, as preocupações dos consumidores alteraram-se profundamente, sendo de esperar que as organizações de consumidores não deixem de fazer um cotejo entre as questões suscitadas na altura e aquelas que agora centram as suas atenções.

Há 20 anos ainda eram muito ténues os problemas suscitados pelo desenvolvimento tecnológico, a economia digital era apenas analisada numa

perspectiva futurista, a Responsabilidade Social das Empresas era perspectivada num modelo muito mais restrito, o consumo ético era apenas uma preocupação subjacente às relações comerciais e o consumo sustentável era encarado como uma responsabilidade quase exclusiva das empresas e dos mercados, sendo ainda ténues as perspectivas de co-responsabilização dos consumidores, resultante dos seus comportamentos face ao consumo.

A segurança alimentar era, no entanto, um dos problemas que já preocupava as organizações de consumidores. A doença das vacas loucas e as dioxinas estiveram no centro da discussão.

Hoje, as questões alimentares não se colocam apenas ao nível da segurança e qualidade. Têm também a ver com o modo de produção sustentável e a necessidade de abastecer uma população em constante crescimento. Se em 1991 nascia o bebé 5 mil milhões, duas décadas mais tarde a população da Terra já ultrapassou os 7 biliões, o que coloca problemas intrincados no concernente à alimentação da população mundial. Daí a importância de saber como poderão os consumidores responder aos desafios alimentares do século XXI, que passarão inquestionavelmente pelas garantias de segurança e higiene em toda a cadeia alimentar. Os organismos geneticamente modificados (OGM), os produtos trans-

génicos, são hoje uma preocupação generalizada.


Curiosamente, o Congresso da CI em 1991 realizou-se numa época em que a Europa de Leste vivia uma autêntica revolução em matéria de padrões de consumo, resultante da transformação das economias dos países da região, depois da queda do muro de Berlim. O desmoronar do império soviético escancarou as portas à Internacional Consumista que, de McDonalds e Coca Cola em riste, desaguou na Praça Vermelha. Por essa altura, os problemas dos países do Leste Europeu estiveram no centro das atenções dos participantes que ouviam, pasmados, os relatos dos delegados de países como a Polónia e a Hungria: fábricas a fechar todos os dias, aumento galopante do desemprego, miséria a alastrar, vendedores ambulantes exibindo nas ruas réplicas dos mais cobijados produtos ocidentais, “made in Taiwan”.

Duas décadas depois, a Europa enfrenta uma crise económica e financeira que, eventualmente, a poderá colocar no centro das atenções em Hong- Kong, precisamente por causa de problemas que, há duas décadas, apenas preocupavam o Leste europeu.

Em 1991, o comércio electrónico, o consumo responsável, o consumo ético, a ebulição dos mercados financeiros, ou o conceito de consumidor cidadão, temas centrais do Congresso de Maio, estiveram ausentes da discussão porque... eram temas que não se colocavam, pois estavam numa fase embrionária de desen-

volvimento. Era, no entanto, já bem perceptível que a emergência das economias asiáticas (os então denominados tigres) iria ser determinante para uma nova abordagem das questões do consumo à escala global.

Duas décadas depois, o acelerado desenvolvimento dos países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) a que se junta ainda de forma lenta, mas progressiva, a África do Sul, torna a análise da temática do consumo mais global, universalizando algumas questões do consumo, que há 20 anos eram apenas preocupações dos países ocidentais.

Ser consumidor consciente em 1991 era, essencialmente, estar atento às armadilhas do mercado, numa perspectiva local, pautada pelas regras de cada país ou região. Após a Cimeira do Rio de Janeiro, em 1992, na sequência da aprovação da Agenda 21, o conceito de consumidor consciente tornou-se mais abrangente e global, passando a estar intimamente relacionado com questões de cidadania. Foi a nova abordagem do consumo inscrita na Agenda 21 que suscitou questões relacionadas com a responsabilidade do consumidor e despertou a atenção das organizações de consumidores para a problemática do consumo ético, do consumo sustentável e responsável, ou para o comércio justo. Temas que não sendo novos, eram apenas discutidos no seio das cooperativas de consumidores e por alguns consumerólogos interessados na análise sociológica da sociedade de consumo. 

In “Tempo Livre”


DIA MUNDIAL DO DOENTE DESAFIA OS CRISTÃOS A ACOMPANHAR OS DOENTES



Partindo da sugestão do Papa, a Comissão Nacional da Pastoral da Saúde propôs para o Dia Mundial do Doente de 2011 o slogan “Acompanhar o doente, um desafio para o cristão”. Na sua mensagem para este dia, Bento XVI pede que nenhum doente seja “esquecido ou marginalizado” por causa da sua situação, destacando a importância de compreender o sofrimento. “Se cada homem é nosso irmão, tanto mais o fraco, aquele que sofre e aquele que precisa de cuida-

dos no campo da saúde deve estar no centro da nossa atenção, para que nenhum deles se sinta esquecido ou marginalizado”, escreveu o Papa. O padre Carlos Manso Fernandes aponta o sofrimento como sendo libertador e salvador. “Na sua mensagem, o Papa fala do sofrimento, mas do sofrimento libertador e salvador. Isto é muito importante porque há muitas vezes na Igreja uma concepção de olhar para os doentes como os ‘coitados’. Ao olharmos para os doentes, temos de olhar para a perspectiva humana. A nossa missão passa também por ajudar as pessoas a ultrapassar o sofrimento e a reencontrarem-se consigo próprias”.

No documento, o Santo Padre dirige ainda uma saudação aos que se dedicam “a cuidar e a aliviar as chagas de cada irmão ou irmã doentes, nos hospitais ou casa de cura, nas famílias”. “Nos rostos dos doentes, sabeis ver sempre o rosto dos rostos: o de Cristo”, apela o Papa.

O Dia Mundial do Doente é celebrado anualmente pela Igreja Católica a 11 de Fevereiro, memória litúrgica da Virgem de Lourdes (França). 

In “Voz da Verdade”

Conselho Central de Braga

Assembleia da Quaresma



Respondendo à recente solicitação da direcção do Conselho Nacional, na qual se pedia que informássemos atempadamente as nossas iniciativas para possível publicação no Boletim Nacional, o Conselho Central de Braga informa que se vai realizar no próximo dia 02 de Abril no Centro Pastoral Diocesano, em, Braga, a Assembleia da Quaresma para todos os Vicentinos da

nossa Diocese com o seguinte programa:

- 14h00 – Acolhimento
- 14h30 – Celebração da Palavra na Capela do Centro Pastoral, presidida pelo Conselheiro Espiritual Rev. Cónego Macedo.
- 15h00 – Início dos trabalhos com a leitura da acta, seguindo-se algumas informações e outros assuntos.
- 16h00 – Reflexão proferida pelo nosso Conselheiro Espiritual que se pretende seja Partilhada por todos os presentes.
- 17h00 – Encerramento.

O Conselho Central espera uma adesão maciça de todos os Vicentinos da nossa Diocese a esta iniciativa e deseja que dela brote, em cada um de nós, uma boa dose de alento para acolhermos com determinação e coragem como nossas, as preocupações e sofrimentos dos nossos assistidos. ☕

José Magalhães

Conselho Central de Portalegre e Castelo Branco

Assembleia Diocesana



Sé de Portalegre

Realizou-se no dia 28 de Novembro de 2010, em Nisa, a Assembleia Diocesana Vicentina das Conferências da Sociedade de S. Vicente de Paulo, da diocese de Portalegre e Castelo Branco.

Estiveram presentes 26 vicentinas de: Castelo de Vide, Gavião, Nisa, Ponte de Sôr, Portalegre e Sertã, estando também presente o assistente das Conferências, Cônego Tarcísio Fernandes Alves. Após a participação na Eucaristia Dominical, seguiu-se o almoço-convívio.

Na parte da tarde iniciaram-se os trabalhos com o cântico: “Nós somos as pedras vivas” e a Oração segundo a Regra.

Em seguida, a Presidente do Conselho Central, Maria Cristina Carvalho de Jesus deu as boas-vindas a todas as presentes, manifestando algum pesar pela ausência de algumas vicentinas.

Fez alusão à crise que o País atravessa e pediu o empenho de todas as vicentinas para o trabalho que é preciso fazer, servindo de intermediárias entre as Câmaras, Juntas de Freguesia, Segurança Social e outros Organismos.

Seguiu-se a projecção de um CD sobre a Sociedade de S. Vicente de Paulo. Em Portugal existe há 151



Sé de Castelo Branco

anos, tendo sido fundada em 1859. A Presidente do Conselho Central, após o visionamento do CD, frisou que ainda estamos a descobrir a forma mais correcta de atender os mais necessitados. Continuou, salientando que temos que descer ao pobre, temos que o apoiar espiritualmente, com vista a dar-lhe esperança e a ajudá-lo.

O trabalho vicentino é proporcionar ao pobre dignidade em todas as dimensões humanas. Os excluídos de hoje, não são os pobrezinhos de antigamente. Há que ter a máxima delicadeza no seu atendimento. É urgente agir, abanando as consciências adormecidas à nossa volta, trabalhando em conjunto com a Cáritas, de modo a não haver sobreposição de ajudas.


Temos que ser criativos!

Em seguida, todas as Conferências presentes, através das suas responsáveis, apresentaram à assembleia o trabalho realizado, junto dos mais necessitados, fazendo face aos no-

vos desafios, com que todos os dias, são confrontadas.

Apesar da falta de elementos nas Conferências e do envelhecimento das mesmas, o trabalho apresentado mostra muito dinamismo, empenho, criatividade e bom relacionamento com os organismos oficiais e instituições locais.

A Presidente encerrou os trabalhos, pedindo ao Espírito Santo ajuda na resolução dos problemas que, devido à situação económica do País, se irão colocar. Convidou as vicentinas a estarem atentas aos “novos pobres” e às novas necessidades que todos os dias nos batem à porta, empenhando-nos no seu atendimento com carinho, amor, dedicação, entusiasmo, alegria e dinamismo.

No final as vicentinas de Nisa ofereceram a todas as presentes um lanche, que foi mais um motivo de convívio, tendo ainda havido tempo para visitar uma venda de Natal com trabalhos oferecidos e executados pelas vicentinas de Nisa. 

“A desordem profunda que lavra no meio em que vivemos, cada vez é mais visível. Às questões políticas substitui-se a questão social, a luta entre a pobreza e a riqueza, entre o egoísmo que quer tirar e o egoísmo que quer guardar. Entre estes dois egoísmos o choque será terrível. Entre os pobres que têm a força do número e os ricos que têm a força do dinheiro”.

Frederico Ozanam